

Breve retrospectiva

A história das leguminosas nas pastagens brasileiras é curta. Na década de 1960, foi o maior pico da consorciação. Os técnicos em pastagem bradavam aos ventos as vantagens do casamento 'arroz com feijão'. A leguminosa escolhida foi a soja perene. Para plantá-la, os pecuaristas misturavam o sal mineral com suas sementes, que já saíam nas fezes adubadas. Mas essa onda passou, visto que a soja perene só crescia em terra boa, algo pouco frequente em nossas pastagens, e o bom propósito foi para o vinagre. Na década de 1980, começou a moda da leucena, arbusto alto, que tem folhas e vagens tenras, muito ricas em proteína. Muitos plantaram e quase todos desistiram pela dificuldade de manter uma boa consorciação, já que a leucena, quando mal manejada, vira uma potente planta invasora.

Em 1993, a **Embrapa** lançou o Mineirão (*Stylosanthes guianensis*) e, em 2000, o estilos antes Campo Grande. Após um bombardeio de propaganda na televisão, muitos pecuaristas plantaram essa leguminosa, que tem virtudes, mas que aos poucos foi sendo abandonada, pelo ataque de formigas e o mal manejo (desequilíbrios no consórcio), que resultaram na morte de bois 'entupidos' pelas bolas de fibra (fito bezoares) formadas nas tripas, quando a pastagem tinha mais de 40 % da leguminosa.

Estrelas promissoras

Nativo do Brasil, o amendoim forrageiro passou despercebido até ser melhor estudado pela **Embrapa**, que lançou a cultivar Belmonte em 1999. Antes, porém, de chegar efetivamente às pastagens, tornou-se campeão dos Jardins urbanos planejados. Já plantei o amendoim, gostei muito e mantenho até hoje alguns piquetes consorciados, com ganho de 100 a 150 g acima do registrado no mesmo capim solteiro. Já contei essa história na DBO número 359, de setembro 2010, vale conferir. Infelizmente, essa boa ideia não foi colocada muito em ; rática na pecuária (à exceção do Acre, como mi ostra matéria de Ariosto Mesquita, à pág. 62) e nem teve apoio incondicional dos técnicos badalados das pastagens. Vá entender?

Outra leguminosas bastante testada na década de 90

que está retornando à cena é o guandu. Ele tem reestreando nos pastos nos últimos cinco a seis anos, devido a novos estudos e variedades mais produtivas, selecionadas pela **Embrapa**. As primeiras sementes dessa leguminosa chegaram ao País junto com os escravos, cujo feijão para eles era uma iguaria.

Na pecuária tupiniquim, o guandu foi mais empregado em pequenas propriedades, que até hoje têm por hábito cortar as ramas quando as favas estão verdes, triturá-las (com até um dedo de espessura) e oferecer esse material no coco in natura ou fenado, se tornando 'o feno dos pobres'. Fornecendo 4 kg/cab/dia desse feno a bezerros desmamados, obtive 350 g a mais por animal em comparação com um lote não suplementado. Como se trata de uma planta resistente à seca e aos veranicos, lançaram uma nova variedade (Taipeiro), voltada à pecuária nordestina, pois dá muita rama e rende no corte. Nos últimos anos, porém, o guandu se expandiu em duas novas frentes: a silagem e o pastejo direto. Guandu na silagem

Na confecção da silagem, consorcia-se o guandu (35 kg de sementes BRS Mandarin/ha; 15 sementes por metro)

tanto com milho quanto com sorgo, intercalando o plantio entre linhas, respeitando-se espaço de 45 cm entre elas. Por não serem rasteiras, como as outras leguminosas, o guandu se desenvolve verticalmente na mesma velocidade da cultura gramínea a ele consorciada, ou seja, um não faz sombra ao outro.

O ponto de corte para a silagem ocorre quando o milho e o guandu já estão granados. A produtividade de massa verde por área foi semelhante, em comparação com o milho solteiro, e, embora a silagem consorciada apresente um pouco menos de energia (61% para 57% de NDT), destaca-se em proteína (13, 5%, ante 9% da silagem de milho solteiro). Isso permite diminuir bastante a suplementação com concentrado e, consequentemente, reduzir custos.

Quando se comparou o fornecimento de silagem consorciada com a tradicional (milho solteiro), o ganho de peso da boiadinha foi 200g superior (750 g x 550g). Os ganhos ambientais e econômicos também foram maiores. Um recente estudo paulista identificou que a quantidade de nitrogênio no solo, no decorrer desse plantio consorciado, somente aumentou, diminuindo a necessidade de adubação nitrogenada e favorecendo a produção de capim na integração lavoura-pecuária. Uma boa! Guandu na pastagem

O que mais tem dando o que falar, contudo, é o uso de guandu nas pastagens, especialmente aquelas em processo de degradação. Para introduzir a leguminosa, é preciso rebaixar o pasto para 10 cm de altura, em plena estação chuvosa no Brasil Central (novembro/dezembro) usando bovinos ou roçadeira. A calagem prévia (maio até agosto) é importante no plantio do guandu, pois faz com que sua raiz principal penetre mais fundo no solo, absorvendo os ricos nutrientes. Após o rebaixamento do pasto, faz-se o plantio direto, usando 30 kg de sementes/ha da variedade BRS Mandarin (10 sementes por metro linear e 1, 2 m entre linhas), enterrando-se as sementes 2 a 5 cm no solo.

O calcanhar de Aquiles para o crescimento das leguminosas é o fósforo, e, no caso do guandu, também o zinco e o potássio, porém não necessita de nitrogênio. Sem os nutrientes citados, o guandu cresce, mesmo em terras fracas, mas a produção e a fixação de nitrogênio aumentam muito com a adubação, feita com base na análise de solo. Há relatos de que, com 80 kg/ha de superfosfato simples, e 5 kg/ha de sulfato de zinco e 20 kg de cloreto de potássio, os nódulos nas raízes e as vagens granadas simplesmente dobraram seu número e a galhada aumentou em 20%. Uma barbaridade!

Início do pastejo

A boiada não aprecia e não come o guandu muito jovem, pelo seu alto teor de tanino, passando a ingeri-lo a partir de maio, quando da floração. Mesmo assim, no primeiro ano, não se recomenda uma lotação de gado alta no piquete plantado até a florada. O guandu passará toda a seca disponível, fornecendo muita proteína para o gado, visto que suas ramas e folhas têm em torno de 16% e suas vagens 22% de proteína, enquanto o capim braquiária mingua para 6% ou menos.

Um ponto chave no manejo é a roçada na entrada do verão, com corte dos arbustos a 50 cm de altura, deixando-se a galhada no local para servir de cobertura vegetal. Aos poucos, o guandu rebrota e volta a granar em maio. Uma das vantagens da cultivar Mandarin é a mais longa permanência no pasto, por três a quatro anos, devendo, a partir daí, ser replantado.

Estudos na **Embrapa Pecuária Sudeste** revelaram que o guandu eleva em até 280 kg o nitrogênio no solo, o que equivale a uma adubação com 680 kg de ureia/ano, melhorando muito o capim consorciado. O ganho de peso diário, nos dois primeiros anos a pasto, só com sal mineral, foi 46% superior ao observado na pastagem solteira degradada (429 g x 293g). A taxa de lotação também aumentou (de 1, 14 x 2, 22 UA/ha) e o ganho de peso passou de 244 para 660 g/cab/dia. É correr para o abraço. Confira direitinho, teste e ganhe!

Assuntos e Palavras-Chave: Matérias com Citação da Embrapa - Embrapa, Embrapa Pecuária Sudeste